

PIM PAM PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 25 DE ABRIL DE 1940

N.º 743

EL-REI «TÓTÓ»

Por JOAO DE FIGUEIREDO

ANTIGAMENTE, quando os macacos eram maus, ninguém os queria em sua casa. Então, os pobres bichos, abandonados, foram viver numa ilha, que eles próprios construíram muito confortavelmente, rodeada por um grande jardim, cheio de verduras e flores maravilhosas.

Alli estiveram muitos anos, trabalhando continuamente e fazendo uma vida honesta e exemplar.

Quando a população macacal era já bastante numerosa, resolveram fazer da sua ilha um pequeno reino. Houve grande reboliço para a eleição do rei, porque as opiniões se dividiram em grupos de variada politica...

E, em grande gritaria, diziam alguns:

— «O Tótó será o nosso rei! Só a elle poderemos confiar os nossos destinos!»

O Tótó, era um macaco muito inteligente, alto, com bonita figura, muito distinto, descendente de uma familia muito ilustre, e afillhado de uma fada loira e esbelta.

Depois de lhe ter sido feito o convite para ocupar tão elevado cargo, respondeu:

— «Só aceitarei se, em troca, me oferecerem muitas laranjas para as minhas refeições! E uma fruta deliciosa e muito do meu apreço!»

Imediatamente foi satisfeita a extravagante exigência do real macaco.

Decorreu largo tempo, e, uma tarde, estando el-rei Tótó sentado no jardim do palácio, avistou alguém que se aproximava. Escondeu-se por detrás duma palmeira e ficou a escutar. Eram dois caçadores que passavam, conversando animadamente. Um deles dizia:

— «Para mim, não ha melhor petisco do que uma boa salada de lagosta!»

Ao vê-lo desaparecer, Tótó ficou a pensar no que seria a tal salada de lagosta, de tão manifestada preferéncia. Encaminhou-se para o palácio e ordenou a presença do chefe das cozinhas.

Quando o chefe appareceu, perguntou-lhe com certo mau humor:— «Porque razão nunca trouxeram á minha mesa, salada de lagosta? Desconheces que é um dos melhores acepipes do nosso tempo? Pois, meu pateta e velho chefe da régia cozinha, se amanhã não me mandares servir esse delicioso manjar, serás condenado á morte.

O chefe, que ficou sem pinga de sangue, retirou-se e chamou todos os seus ajudantes, a quem contou a exigência do rei.

— «Qual de vocês sabe o que é salada de lagosta?» — perguntou.

— «Sei eu!» — respondeu um macaquito pequeno, espantosamente estúpido.

— «Parece-me que é um bicho da familia dos pepinos!»

— «Também me parece — disse o chefe, muito preocupado com o caso. — Pois falarei ao mordômo, para vê se descobrimos essa tal comida.»

E logo appareceu um bicharoco, enorme, com muitas pernas, todo encarnado, que os olhava fixamente.

— «Isto é um dragão! Isto é um dragão!» — gritavam, fugindo apavorados.

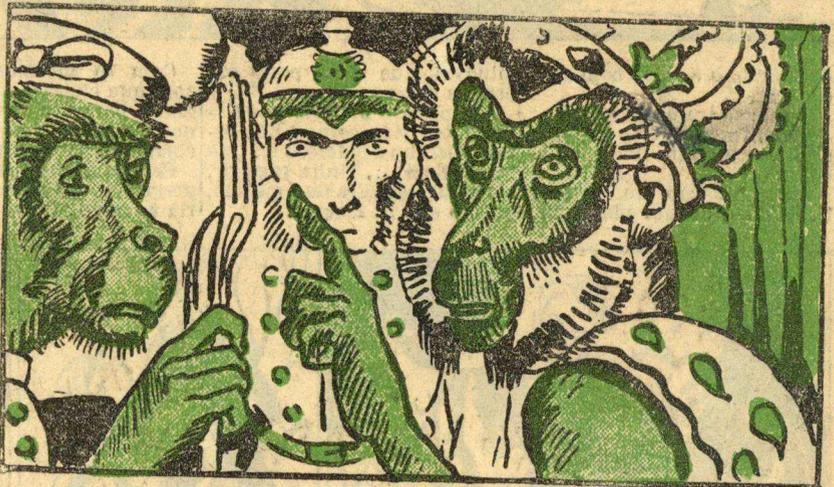
A lagosta, disposta a deixar-se morrer, correu atrás deles e não os largou mais, até que, ao passarem junto do quarto do rei, abriram a porta, para se esconderem, mas a lagosta, sem os perder de vista, entrou também.

O rei, ouvindo tamanho barulho, acordou e vendo o estranho animal aproximar-se d'elle, desatou a gritar, muito afflito, e a chamar por sua madrinha, a linda fada loira, que lhe tinha oferecido a varinha. A fada appareceu rapidamente e disse-lhe:

— «Es um rei maluco! Então, tu, nem sequer reparaste que é a lagosta que tanto desejava?...»

Pois para te castigar, farei com que a não cômas.» E desapareceu a linda fada, levando consigo a lagosta.

Então, o rei dos macacos, muito irri-



Mas, infelizmente, ninguém no palácio sabia o que era lagosta. Até que, finalmente, um macaco, muito esperto, criado dos aposentos do rei, se lembrou que havia uma maneira simples de salvar da morte o pobre companheiro.

— «Só a varinha mágica, que está no tesouro do palácio, nos poderá ajudar. Eu tenho as chaves em meu poder, e poderemos ir lá buscá-la.»

Para lá foram, de noite, elle e o mordômo, sem que ninguém os visse. Ao abrirem a porta, um deles, aproximando-se da varinha que estava colocada numa linda caixa de cristal, disse assim:

— «Varinha de fada, precisamos lagosta pra fazer salada!»

tado, chamou todos os seus criados, proibindo-os de tornarem a falar em salada de lagosta:

— «Todo aquele que desobedecer ás ordens de Sua Magestade el-rei Tótó, será morto!» — gritou.

Ficaram surpreendidos todos os macacos, em face daquela contra-ordem real, mas rejubilou o velho chefe das cozinhas que, por um simples apetite do rei seu amo, ia perdendo a vida, coisa bem mais importante do que todas as lagostas que vagueiam no mar.

FIM

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

Por FERREIRA da SILVA (NICOMARY)



Fajoca tem uma curta indecisão! Teria sido ouvido e o silêncio que o rodela não será, apenas, um estratagemma para mais facilmente ser apanhado? Mas, emfim, — pensa êle — perdido por um, perdido por mil! Para trás é que já não volto!... Havia, pois, um só caminho: — para a frente. Com mais cautela agora e apenas guiado pelo ruído abafado de vozes que, por felicidade, voltara a ouvir, Fajoca fez, por fim, uma descoberta sensacional: — Em volta de uma mesa tósca, cinco homens de péssimo aspecto, mantinham animada discussão, embora em voz baixa. Por vezes, um ou outro, por descuido, erguia-a um pouco mais mas logo os restantes se apressavam a chamar-lhe a atenção,



obrigando-o a falar com mais cautela. O que se tramaria ali? Pelas frases soltas que conseguia apanhar, ficou elucidado. A combinação era horrível. Tratava-se de um plano abominável, que ia ser posto em prática daí a pouco. Era preciso evitá-lo imediatamente! Mas como? Ele, estava sozinho e indefeso!... Que fazer? Bem!... Tinha que agir, eis a questão! Era isso mesmo, pois, o que ia fazer!... Com os mesmos cuidados com que chegara até ali, dirigiu-se para a saída e, uma vez novamente na rua, dirigiu-se, correndo, para casa. Pelo caminho, fazia, ansioso, perguntas a si mesmo: Chegaria a tempo? O avô estaria em casa? Que diria êle quando lhe contasse o que ouvira? Estaria disposto a intervir? Foi com natural agitação que subiu, precipitadamente, a escadaria da sua residência e que, ofegante, pôs o avô ao corrente da aventura porque acabara



de passar. Caralaroca, ouvindo com interesse, o relato feito pelo neto e não menos interessado manifestava a Patachoca que, ante o seu alvoroço, acorrera também. Um desgosto lhe estava reservado, porém! Ela queria acompanhá-los e ser, de algum modo, uma heroína também! Mas quê?!... Caralaroca conhecia-a bem: Uma autêntica desgraçada!... Só lhes serviria de impecilho e, o que era pior, não era positivamente aquele antro o sítio mais recomendado para levar uma menina! Ele bem procurava convencê-la; ela, porém, é que não se deixava embalar com as boas palavras do avô Caralaroca e insistia, insistia sempre, ou não fôsse a Patachoca!... Tomou-se, por fim, uma resolução: Deixá-la fechada em casa; não havia remédio!... E, se bem se pensou, melhor se fez!... Momentos depois, eis-nos acompanhando os nossos dois heróis que, apressados, seguem em direcção à casa abandonada. Pelo caminho, Fajoca fornecia a Caralaroca informações complementares acerca da sua descoberta. Os bandidos, pois de autênticos bandidos se tratava, planeavam levar a efeito um assalto a determinado estabelecimento, a coberto das sombras e do sussêgo da noite. Deixemos, porém, por momentos, Fajoca e Caralaroca, e voltemos à residência de ambos, onde a pobre Patachoca ficara fechada à chave. Ali a vamos encontrar, desolada, com a cabeça enterrada nas mãos, sem saber o que fazer!... Parecia mentira que o seu avô e o irmão tivessem tido a coragem, de a deixarem sozinha!... Não havia direito!... pensava ela, sem querer compreender as fortes e bem justificadas razões que os tinham levado a proceder daquela maneira. Ah!... Mas aquilo não ficava assim, não! Haviam de ver agora quem ela era!... Patachoca, hein?! Pois era chegado o momento de demonstrar que não era tanto assim!... E, juntando com nós alguns lençóis, pôs em prática a resolução que tomara: Não podia sair pela porta? Pois bem: Sairia pela janela!... Bem pensado, não é verdade, leitor amigo? Pois, meu caro, se disseres que sim, enganaste! Sabes porquê?... Porque tudo,



quando se trata de desobediência e de resolução súbita sem se pensar bem os prós e os contras, tem um mau fim, como já vais ver.

O lançar dos lençóis pela janela fora, correu, como era de esperar, sem novidade!... Mas quando se tratou de olhar para baixo e de ver a altura que havia a descer, é que a pobre de Cristo começou a sentir o

princípio do arrependimento! Sim, porque, afinal, a coisa não era tão fácil como à primeira vista lhe parecerá!... E ainda faltava o resto!...

Patachoca encheu-se de coragem e, uma vez—pelo menos—havia que ser decidida! Chegara a ocasião!... Encetada a descida, a pequena, a certa altura, sentiu como que um calafrio percorrer-lhe a

espinha!... Os lençóis rangiam assustadoramente e, a certa altura, deram-lhe a impressão que estendiam!... Estendiam mesmo, isto é, os nós haviam ficado mal dados!... Fechou os olhos e... foi o melhor que podia ter feito!... Arrepentia-se, agora, do mal que fizera mas já não tinha remédio!... Um dos nós desatara-se por completo e ei-la, agora, cheia

de arrependimento é certo mas sem o mínimo apoio!

Como resolverá ela a questão?... A Fajoca e a Caralaroca conseguirão alcançar os seus nobres fins?...

É o que veremos no próximo número!... Até lá resignação!...

(Continua no próximo número)

NO REINO DOS BICHOS

DESENHOS PARA COLORIR

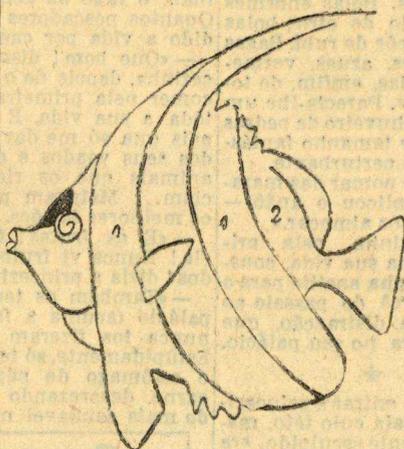
LAFOCERO HENIOCO COCORUJA

De abdómen branco, corpo, asas e cauda de cor castanha (1) e bico vermelho, o lafocero é um passarinho de



aspecto patusco que se torna muito útil ao agricultor pelo grande número de gafanhotos que mete, diariamente, no papinho.

O henioco é um peixe, parecido com o zanclo.



É preto (1) e amarelo (2). As partes não numeradas são brancas.

OSTRACIO

Mais outro representante dos peixes — o ostracio — vem hoje animar esta página.



É amarelo com machas azuis; a extremidade do focinho é roxa e a cauda vermelha.

Ave de rapina, nocturna, vulgar no nosso país, tem a plumagem macia. É amarela (1).

As asas são castanhas (2). O alto da



cabeça é azul e as pálpebras são encarnadas.

É muito útil ao agricultor pois destrói ratos, toupeiras e outros bicharocos prejudiciais.

A árvore representada na gravura, é verde.

A PRINCEZINHA AIDA

por ISOLDINA

(Continuação do numero anterior)

Ao toque da campainha, surgiu, porém, a fada, resplandecente como o sol, envolta em véus diáfanos, palhetados de ouro e sussurrantes como a espuma das ondas. Depois de se darem os bons dias perguntou-lhe a fada:

— «Então, querida afilhada, dormiste bem?»

— «Muito bem, minha madrinha; mas a cama é que me parecia muito dura. Eu só dormia sobre penas e armínho...»

— «É por isso que ficaste assim tão mole. Fica sabendo que os colchões devem ser alguma coisa duros para fortalecer os ossos. Para principiars a fazer exercício, tens de vestir-te sózinha. Aqui não há aias para o teu serviço. Precisas de dar que fazer aos braços, dar agilidade às mãos, mexer, andar o mais possível. E, agora, deixo-te! Quando estiveres pronta, toca.»

Com bastante custo e muitos suspiros de fadiga, lá conseguiu a princezinha vestir-se.

Tocou, então, a campainha, e sem ela perceber de onde havia surgido, apareceu-lhe



um anãozinho — (o pagem invisível que prometia apresentar aos leitorzinhos) — deveras engraçado; de pernas tortas, com um capuz, entre o qual, num rosto extremamente ri-

sonho, brilhavam os olhitos mais maliciosos do mundo. Ela achou-lhe tanta graça que se pôs a rir, a rir, perdidamente, coisa que havia muito tempo não fazia.

— «Sim, porque me pareces um grão de bico com olhos.»

— «Ah, sim? Tem graça!» (E ele ria tanto como ela).

— «Também eu te acho parecida com uma abóbora com pernas!...»

Sentiu-se, então, melindrada. Que irreverência! Haver tido a ousadia de zombar dela, dela que sempre ouvira dizer às suas aias: — «A princezinha «Ai» é mesmo um ai de princesa; tão fina e delicada como o seu nome!» Isto objectou ela ao anãozinho que se pôs

a rir, pondo as mãos nas ilhargas.

— «Ai, ai! que lindo nome! — (Dizia êle) — Mas elas não te enganavam; és mesmo como o teu nome diz: um bicharoco muito feio, muito preguiçoso.» Ela ficou de boca aberta a olhar para êle, que então teve dó dela. — «Vamos, disse êle, não nos zanguemos. Sejamos amigos e bons companheiros. Ainda virás a ser uma linda princezinha de fazer inveja às melhores.»

— «Sim, sim! Farei tudo para isso.»

— «Bem. Tenho a honra de apresentar-me: chamam-me Zéfiro, pela ligeireza que me caracteriza, e vou fazer-te as honras do palácio. Antes de almoçar vou levar-te aos jardins para te despertar o apetite.»

Tudo o que viu a deixou deslumbrada, pois vivia na ilusão de que o palácio de seus pais, era o mais rico do mundo.

Quando, porém, chegou ao pomar, a variedade de cores dos lindos frutos pendentes das árvores, encantou-a.

Folhagens prateadas, douradas, bronzeadas, brilhantes e envernizadas. Bolas enormes dum amarelo de ouro; bolas pequeninas cor de rubi. Bagas róxas, verdes, azues, vermelhas, amarelas, emfim, de todas as cores. Parecia-lhe um verdadeiro chuveiro de pedras preciosas, de tamanho fantástico e brilho perturbante.

— «Isto é o pomar das maravilhas — (Explicou o anão) — E agora vamos almoçar.»

A princezinha, pela primeira vez na sua vida, constatou que tinha apetite para o almoço, mercê do passelo ao ar livre, da distração, que nunca tivera no seu palácio.



O anão fez entrar a princezinha numa sala cujo tecto, maravilhosamente esculpido, era sustido por colunas de pórfiro, com frisos de ouro. Ao fundo, um repuxo lançava grandes factos de água, de todas as cores do arco-íris, para uma grande taça de mármore e ouro.

A cabeceira da mesa, já se achava a fada vestida com longa túnica verde-mar, salpicada de prata. Sobre a mesa, lindas taças de cristal ostentavam, artisticamente dispostos, grande número e variedade de frutos do Pomar das Maravilhas.

Havia outros pratos com iguarias desconhecidas da princezinha. Esta comeu com bom apetite e estava constantemente a fazer perguntas.



— «Como é isto feito?... Como se chama?... No palácio dos meus pais não havia disto.»

— «Eu te explicarei. Isto faz parte do programa de distrações úteis que tenciono proporcionar-te.»

Mas a sua curiosidade subiu de ponto, quando viu o anãozinho trazer, numa grande travessa, um respeitável peixe, todo espalmado.

A fada elucidou-a. — «Sabes que peixe é este? E' o bacalhau, o luxo da gente pobre. Quantos pescadores têm perdido a vida por causa dêle!»

— «Que bom! disse a princezinha, depois de o provar e comer pela primeira vez em tôda a sua vida. E os meus pais que só me davam carne dos seus veados e de outros animais que os ricos apreciavam... Matavam para mim os melhores faisões.»

— «E as frutas! Que delícia! Nunca vi frutos tão lindos! dizia a princezinha.»

— «Também os tens no teu palácio (acudia a fada.) Mas nunca te fizeram apreciar. Estupidamente, só te enchiam o estômago de pápas e de carne, desprezando o que há de mais saudável na alimen-

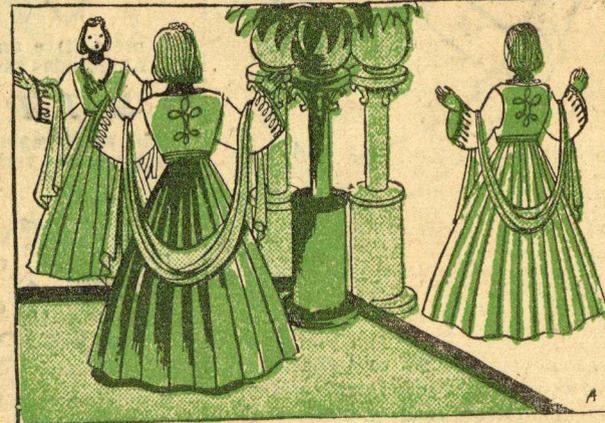
tação. Este fruto, cor de ouro é a laranja tão saborosa e saudável. Estas bagazinhas róxas, estas verdes claras e estas avermelhadas, chamam-se uvas. Estas bolinhas, cor de rubi, são cerejas; estas, ameixas; êstes abrunhos, pêcogos, etc. Êstes, de veludo, são alperches.» E a fada ia mencionando as virtudes medicinais de cada fruto.

Só ao poder mágico da varinha de condão, se devia o facto de existirem no pomar da linda fada, todos os frutos reunidos na mesma época, é claro.

A princezinha já mostrava um aspecto inteiramente diferente do que tivera à chegada. Os olhos já tinham vida e as faces já se coloriam de um rosado sedutor.

Nos primeiros dias, apenas passeava com a fada, e só brincava com o querido anãozinho. Entretanto, a madrinha ia-lhe dando lições a propósito de tudo quanto via.

Assim, soube quanto trabalho custa ao pobre aldeão extrair da terra os belos frutos, as belas hortaliças, o pão, o azeite... De onde se extrai o sal e qual a influência do



A SOBERBA do PAVÃO

VELHA FÁBULA

sol e do ar puro sôbre o desenvolvimento dos seres, das plantas, etc.

Ensinou-lhe que há muitos póbrezinhos com fome e que mal têm uns farrapos para se cobrirem no inverno. A princezinha ouvia-a surpreendida ao princípio; depois comovida e, por fim, chorando.

— «Oh! madrinha, e lembrar-me eu que, sem me faltarmos, não tinha alegria nem saúde!... Como se pode viver assim?»

Um dia, a fada levou-a a uma dependência do palácio do qual não conhecia, ainda, todos os recantos e na qual se viam os mais variados utensílios... Ante os olhos curiosos da princezinha, a fada fez aparecer um autêntico cozinheiro com avental e boné branco, que se curvou, reverente, ante a princesa.

— «Aí tens a tua discípula. É preciso que aprenda todos os segredos da cozinha.» E a princezinha, com entusiasmo, começou a receber os seus ensinamentos culinários. Queimou um dedinho no fogão, la cortando a cabeça ao fura-bólos ao migar as couves, e chorou bastante ao picar a ce-



bola. Mas tudo isto lhe fazia pensar nos tormentos passados pelos seus serviços, ao prepararem-lhe os acepipes com que a mimoseavam, atenção que ela retribuía com um gesto enjoado. Depois de passar o dia completamente absorvida por tão útil quanto agradável passatempo, ia então sentar-se no jardim, com o anãozinho, a fim de ouvir o chilleo das aves, ao mesmo tempo que escutava lindas e instrutivas histórias, daquele que era já, para ela, indispensável amigo. Renascia para a vida! Tudo lhe suscitava interesse e alegria de viver, e o tempo voava para a aproximação do dia em que iria regressar aos seus domínios, completamente modificada.

A fada, um dia, conduziu a princezinha a um grande salão onde ela, espantada, viu muitas meninas, todas iguais, todas a andarem como ela. Se ela parava, as meninas paravam também. Depois de gozar um pouco do seu espanto, a fada entrou também, e muitas fadas, como ela, apareceram ante os olhos espantados da princezinha. Era uma sala forrada de espelhos; mas, nesse tempo, apenas as fadas possuíam essa maravilha. As

outras pessoas só se miravam nos lagos ou nos ribeiros. A fada perguntou à sua afilhada: — «Que me dizes destas meninas?»

— «Elas são tantas e tão lindas!»

— «Mas, tolinha, és tu própria reflectida em todos os espelhos. Como vês, já estás completamente transformada em corpo e espírito. Posso, portanto, reconduzir-te a teus pais.»

A princezinha bem desejava voltar a vê-los. Contudo, ao lembrar-se que ia deixar o seu amiguinho Zéfiro, ficou triste.

— «Deixa lá, minha filha, — (disse-lhe a fada) — que não há-de sentir-lhe a falta.»

E dispuzeram-se a partir. Foram, então, novamente transformadas em borboletas, como haviam vindo. Quando poisaram no átrio do palácio, o guarda dormia, debruçado sôbre uma coluna, e a princezinha fez-lhe cócegas na careca.

Quando, novamente, foi reconduzida à sua primeira forma, o guarda nem reconheceu a menina. Reconheceu unicamente a fada e foi anunciá-la aos soberanos, que viam quasi isolados de todo o mundo, desde que a princezinha partira.

Foi um reboliço no palácio que, de silencioso, se transformou, instantaneamente, num ruidoso rumorejar de vozes e num roçar de sêdas.

Até os arbustos segredavam uns aos outros, nos jardins:

— «Voltou a princezinha Aida! voltou a princezinha Aida!»

Até as frondosas árvores do parque se balouçavam, agitando as suas fôlhas em saudação de boas vindas.

Ninguém, a não ser o coração dos pais reconheceu a Princesa, pois tão diferente ela fôra da que regressava. Depois das efusões da chegada, exclamaram os pais radiantes e admirados:

— «Que transformação! Mas porque milagre temos aqui a nossa filha tão cheia de vida e com tão saudáveis cores?!...»

A fadar respondeu-lhes que só falaria diante de toda a corte reunida. O rei mandou, então convidar todos os seus vassallos e a nobreza dos arredores, para uma festa que daria no dia seguinte e em que apresentaria a princesa Aida, a fim de ela escolher noivo entre os assistentes. No dia seguinte, tocavam as charamelas, rufavam os tambôres.

Já os soberanos se dirijem à sala do trôno, onde tomam lugar. Aos lados, estão duas cadeiras de alto espaldar, em filigrana doidara, forradas e tecidas por mãos de fadas. Numa, está sentada a madrinha à direita, e na da esquerda a afilhada. Feito silêncio, a fada levanta-se e diz: — «Desejei ver-vos aqui



Certo pavão, orgulhoso da sua beleza e graça, pôs-se a dizer: — «Sou formoso, sou um animal de raça!»

Um pato, que estava perto, ante a sua presunção, volve-lhe, então, com acêrto, trocando do toleirão



que o escutava furibundo, expandindo a sua bills: — «Olha que em todos, no mundo, há um calcanhar de Aquiles.»

Bem melhor era que olhasses para as tuas feias patas e não te pavoneasses com palavras insensatas!»

reunidos para que se jals testemunhas do que vou dizer aos vossos soberanos e para que a lição aproveite a todos.

«A princezinha sofria do mal da preguiça. Ignorava tudo quanto se passava à sua volta e nada conhecia, além das paredes do seu quarto, onde se estiolava, à falta de exercício e bom ar. Em consequência disto, tinha os nervos sem acção, os ossos moles como cartão e nas veias em vez de sangue, uma espécie de capilé ou água choca. Daí, a sua tristeza a sua doença e desinterresse por tudo quanto há na vida. Hoje aqui a tendes curada. Tudo o que é próprio de uma boa dona de casa, ela conhece. Aprendeu a preencher o seu tempo, tornando-se útil ao seu semelhante. Conhece já os meios de conservar a saúde e a arte de ser feliz. Não mais terá aborrecimentos. O Pomar das Maravi-

lhas — (que é o campo que Deus pôe ao alcance de todos nós) — não tem já segredos para ela. Sabe já dar aplicação a todas as plantas que nêle se criam. O príncipe que a tiver por esposa, levará uma verdadeira... fada do lar.»

— «Aí Jesus! Acudam!...» ouviu-se da porta, e tudo se voltou. Era o velho guarda, deveras atrapalhado com um gafanhoto verde que se lhe pegara à careca, certamente com o mesmo fim que levará o velhote a meter, curiosamente, o nariz na abertura da porta. A fada sorriu e fez um movimento à sua varinha de condão, ao mesmo tempo que o rei ordenava:

— «Podem apresentar-se os pretendentes à mão da princesa.»

Desfilaram diante da princezinha príncipes de varia-

(Continua na página 8)

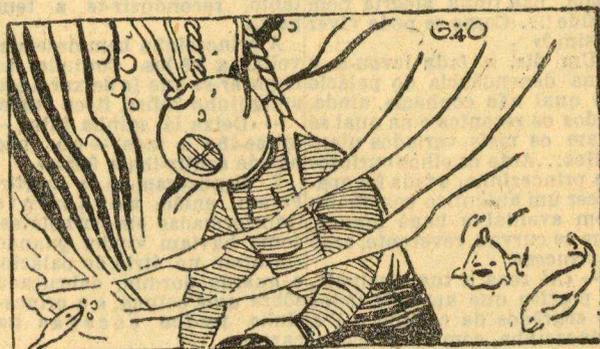
UMA HISTORIA VERDADEIRA

Nos segrêdos dos cabos submarinos

Por LORD-ZINHO

(Continuado do número anterior)

Assim, depois de localizado o cabo, sai da sua base um barco-oficina. Ao encontro vai um cruzador. Tôdas as precauções são poucas, porque os perigos são muitos, como adiante se verá...



Quando desapareceram as comunicações, todos os que estavam na estação, impelidos pela mesma curiosidade, corremos à praia onde amarraram os cabos. Pierre e Jeanne, destemidos e satisfeitos, não ocultavam a alegria que lhes causava esta imprevisita peripécia. Faziam os seus comentários infantis e riam com gosto.

De súbito, um potente tri-motôr voou sobre nós, fazendo um pequeno reconhecimento. Era um hidro-avião inimigo, que vinha de fazer um golpe de audácia. Desceu sobre as ondas. Sentimos um calafrio. Desembarcou uma pequena força. Escondemo-nos mas foi inútil. Sem explicações, fomos prêsos por quatro fusileiros navais que nos levaram para bordo do hidro-avião. A praia ficou deserta. Levantámos vôo com rumo desconhecido. Iamos todos: — Dois engenheiros, três telegrafistas, eu, Pierre e Jeanne.

Tudo isto se passou com uma rapidez extraordinária. Os postos de vigilância da costa, não se aperceberam desta ocorrência.

Voámos durante cinco horas, o tempo suficiente para dar um pulo em hidro-avião até pertinho da costa portuguesa. Depois, em pleno alto mar, o hidro desceu junto do torpedeiro da sua nacionalidade, para onde nos fizeram o transbordo.

Soubemos mais tarde a razão dêste raptô audacioso. O torpedeiro inimigo tinha sido o executor do corte dos cabos submarinos e conservava-se de vigilância ao local. Com reféns a bordo e muito próximo de águas neutrais, pretendiam assim evitar qualquer ataque de barcos inimigos.

Passámos a noite sem novidade.

No dia seguinte, quasi ao anoitecer, avistámos, a uma grande distância e direcções opostas, duas pequenas manchas negras. Houve pânico. A guarnição passou a noite preparada para um possível combate. Mas os pontos negros não se moveram. Se eram dois navios, deviam estar parados. De madrugada, fomos despertados por um movimento desusado. Saimos da nossa camarata, precipitadamente. Corremos à amurada. Verificámos que uma das manchas negras, pouco a pouco, tomava maior volume.

Sem auxilio de qualquer binóculo, já se divisava a silhueta de um barco de guerra. Aproximou-se do torpedeiro inimigo, onde nos encontravamos, e estacou a uma certa distância — com os canhões voltados contra nós.

Quando se fez dia claro, reconhecemos que ostentava a

nossa bandeira. Sentimos um apêto no coração. Não havia dúvidas. A pequenina mancha que se conservava ao longe, devia ser o barco-oficina, para arranjar os cabos submarinos e o barco de guerra que estava muito perto de nós — e certamente vinha em auxilio daquele. — Era o cruzador já referido. Vivemos momentos de grande aflicção. Pierre e Jeanne já não achavam graça a esta peripécia mas souberam ter coragem para todos os perigos.

O que ia suceder?... Uma batalha de vida ou de morte?... Quem vencerá?... O nosso cruzador ou o torpedeiro inimigo?... Conseguiremos sair desta luta completamente salvos?...

Os dois navios de guerra estavam frente a frente. O sol começava a cintilar no aço dos canhões. No torpedeiro inimigo, onde nos encontrávamos prisioneiros, a guarnição tomara os seus postos de combate. As ordens eram rigorosas e, a-pesar-de serem nossos inimigos, manda a verdade que se diga: — todos, sem excepção, as cumpriam com a maior disciplina e entusiasmo.

Os homens do mar têm fama de valentes, sobretudo quando defendem uma bandeira!

Pierre e Jeanne observavam, com infantil emoção, todas as manobras de bordo. Tremiam como varas verdes. O caso não era para outra coisa. Medo?... Não!... Apenas nervosismo próprio do momento angustioso que estávamos vivendo.

Coragem como a de Pierre e Jeanne nunca os meus olhos haviam visto em crianças da sua idade!... Ah! como era bom que todas as crianças fossem destemidas como o Pierre e a Jeanne; fortes em frente do perigo, sem medo de papões nem de almas do outro mundo, que não existem, e com as quais é censurável costume fazer medo aos meninos quando são pequeninos...

Pierre, notando que Jeanne estava muito trêmula e sucumbida, perguntou-lhe sem rodeios:

— «Tens medo Jeanne?..»

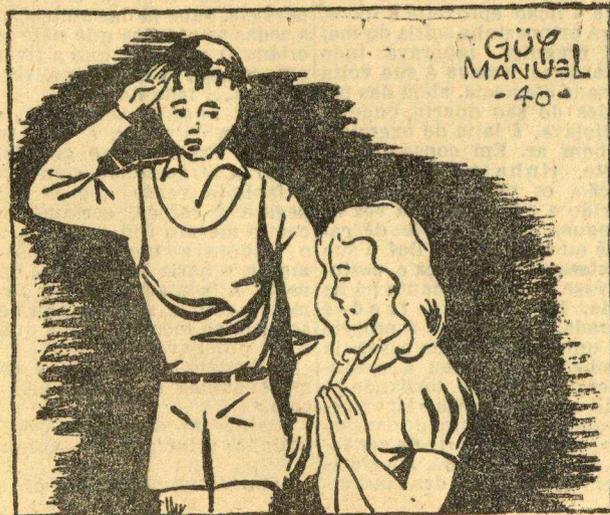
Jeanne abriu levemente os lábios, num sorriso triste, e disse:

— «Sim. Tenho medo... — (E, apontando para o navio de guerra do seu País, que pairava ao largo, explicou: — «É que aquêlê cruzador é nosso e, lá em cima, no mastro grande, há uma bandeira da nossa Pátria, que na escola aprendemos a defender e a amar tanto como a Deus!»

Não trocaram mais palavras. O pensamento de ambos era igual. A-pesar-de crianças, Pierre e Jeanne tinham já observado o suficiente para se convencerem que era inevitável, entre os dois navios de guerra, uma luta de bravura e heroicidade. Eles sabiam que os homens, na guerra, devem combater até ao fim. Não lhes restava dúvidas que, de ambos os lados, havia a vontade firme de vencer — para sua honra e do seu País.

O comandante do torpedeiro, numa última esperança, comunicou, pela T. S. F., que nos tinha a bordo com reféns.

A esta participação, o nosso cruzador respondeu, não pela T. S. F. mas com a sua primeira granada que veio levantar um grande castelo de água a cem metros de nós. Assim começou o combate. Eram dez horas da manhã. O



«BABETTES» para as vossas BONECAS

POR

Arlette Lopes Navarro

Os modelos que apresento são fáceis de executar. O «crochet» 1.º e 4.º são em bordado inglês ou ainda a cheio, com linha «D. M. C.» branca. Os que têm os n.ºs 3, 5 e 6 são com nózinhos, em linho de côr. Os «babettes» 1 e 2 têm um folhinho em volta. Os outros são bordados a ponto de recorte.

torpedeiro, onde permaneciamos como reféns, respondeu com um tiro do seu canhão maior.

Em poucos minutos, os artilheiros do cruzador regularam o tiro e «castigaram» duramente o torpedeiro inimigo.

Pierre e Jeanne correram para uma das cabines mais isoladas, donde, pouco depois, tiveram que fugir.

Vinte minutos após o início do combate, o cruzador mantinha-se sem uma beliscadura. O nosso torpedeiro, pelo contrário, estava seriamente «tocado». A metralha do cruzador causava, pouco a pouco, avarias irremediáveis.

O comandante do torpedeiro, reconheceu a sua situação. Estava perdido! Continuar a resistir seria uma loucura. Ordenou que se calassem os seus canhões. E, no mastro grande, a bandeira do seu País, foi substituída por uma bandeira branca. Era a rendição.

Obedecendo a ordens do comando superior, a rendição obrigava o afundamento do navio.

Foram abertas as válvulas do fundo. Imediatamente, numa invasão furiosa, as águas inundaram os porões.

Num gesto nobre, próprio de um homem honrado, o comandante do torpedeiro ordenou que uma lancha nos transportasse ao nosso cruzador, antes que o navio se afundasse.

Pierre e Jeanne, emocionados com esta atitude, correram ao encontro do comandante para lhe agradecer. Beijaram-lhe as mãos. O velho lobo do mar, com os olhos

cheios de lágrimas, limitou-se a acariciar, em gestos lentos os cabelos das duas crianças. Era o último adeus. Partimos. Um quarto de hora depois, estávamos a bordo do nosso cruzador, reconfortados sob a bandeira do País de Pierre e Jeanne.

Passaram algumas horas. Ao largo, o torpedeiro já não era mais do que uma carcassa ao sabor das ondas.

Na torre de comando, enquanto o barco se afundava lentamente, o comandante do torpedeiro, sereno, hirtto, valente, envolvido na bandeira do seu navio, esperava o momento de morrer pela sua Pátria.

E assim sucedeu. A bordo do nosso cruzador, um clarim tocou a sentido. Soou um tiro de canhão.

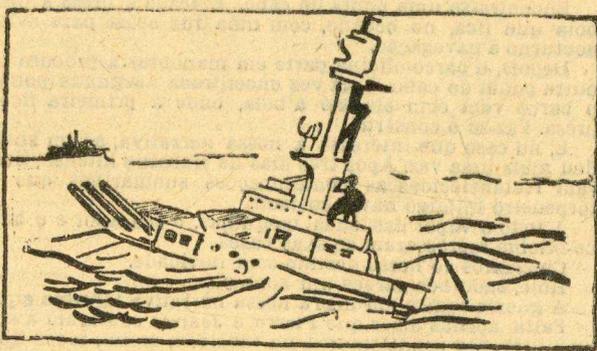
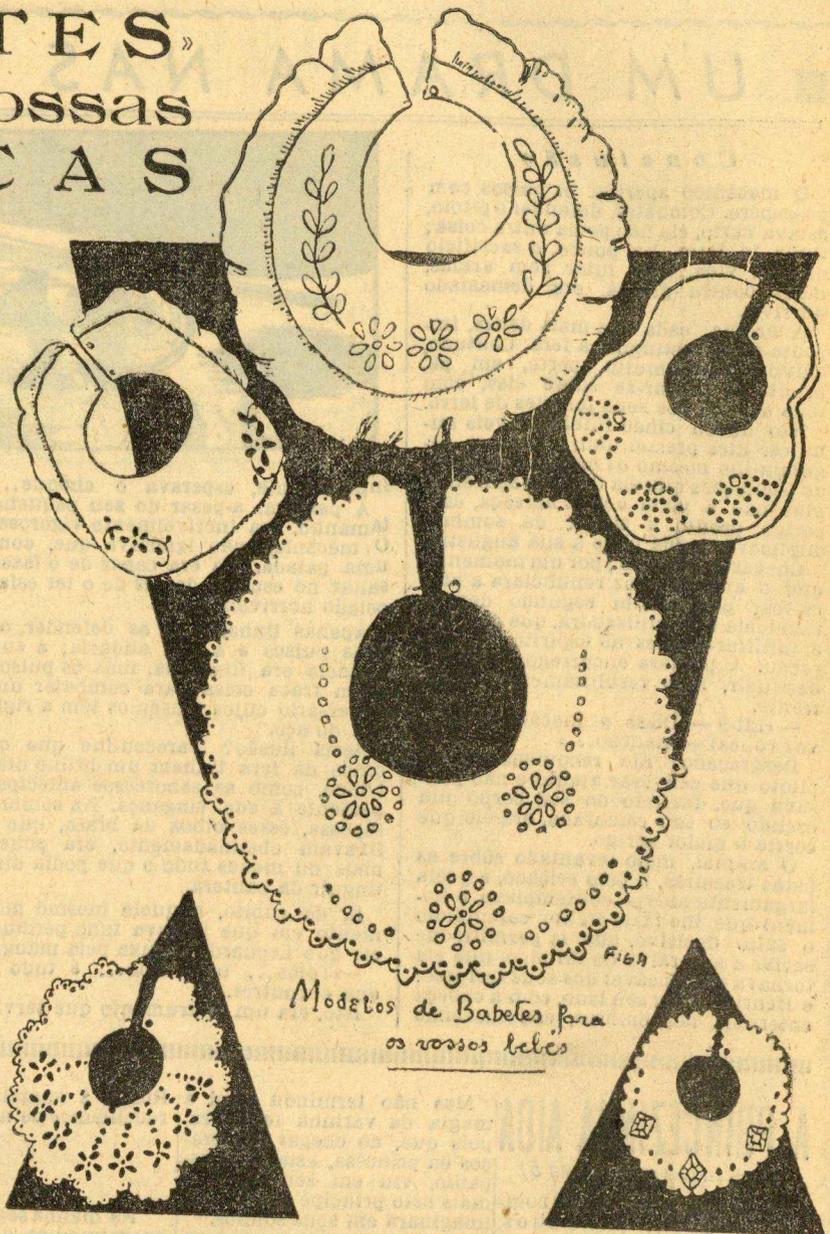
Era a homenagem oficial aos bravos inimigos, que, momentos antes, se haviam batido contra nós.

Belo exemplo de grandes virtudes! De facto, assim deve ser. Os nossos inimigos, quando são valentes e leais, merecem o nosso respeito, mesmo depois de vencidos.

E enquanto na tolda a guarnição apresentava armas, obedecendo aos acordes vibrantes do clarim, tocando a sentido, Pierre e Jeanne quebraram a disciplina, atravessando a formatura.

Subiram à torre. Foram até junto do mastro grande. Pierre desceu a bandeira do seu País, até meia haste em sinal de luto.

E, julgando-se um homem como os que estavam lá em



UM DRAMA NAS NUUVENS

Conclusão

O mecânico apertou os pulsos com desespero. Combater, defender o piloto, estava certo, ele não pedia outra coisa; tinha já feito, há pouco, o sacrifício da sua vida, mas lutar sem armas, mãos contra garras, era demasiado horrível.

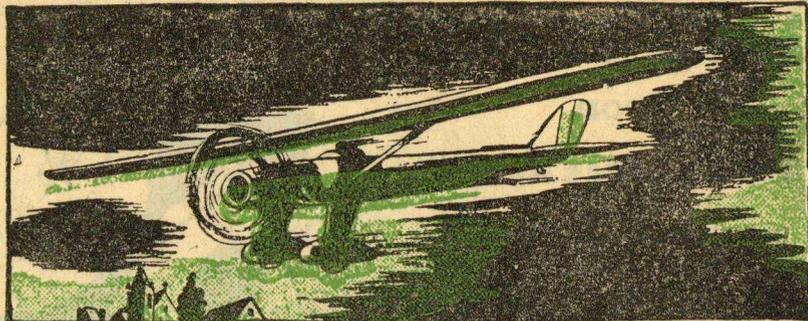
A bruma, cada vez mais densa, impedia-o de distinguir a fera. Contudo, adivinhava-a muito perto, em pé, pronta a lançar-se sobre eles, com toda a força dos seus jarretes de ferro. Isto durou cinco intermináveis minutos. Eles pressentiam a pantera, seguiam-lhe mesmo os movimentos com as oscilações que ela dava ao aparelho, mas não a viam e essa ameaça, esse perigo pronto a surgir da sombra, duplicava ainda mais a sua angústia.

Chegaram a julgar, por um momento, que o animal feroz renunciara a atacá-los; porém, um segundo depois, esta ideia tranquilizadora, que chegara a infiltrar-se-lhes no espirito, desapareceu. A pantera encarregou-se de os desiludir, indo resolutamente para a frente.

—«Ell-a — (Disse o mecânico, com voz rouca) — Atenção...»

Desgraçado! Ele recomendava ao piloto que estivesse atento e não pensava que, fazendo do seu corpo um escudo ao seu camarada, era ele que corria o maior perigo.

O animal, meio levantado sobre as patas trazeiras, o pelo eriçado, a goela largamente aberta, contemplava o homem que lhe fazia frente, calculando o salto decisivo, que ia permitir-lhe saclar a sua ralva no inimigo, que ela tornava responsável dos seus terrores; e Henrique, por seu lado, com a cabeça enterrada nos ombros, estremeando



inteiramente, esperava o choque...

A pantera, apesar do seu pequeno tamanho, era incrivelmente vigorosa. O mecânico não ignorava que, com uma patada, ela era capaz de o fazer saltar no espaço, depois de o ter esfacelado horrivelmente.

Apenas tinha, para se defender, os seus pulsos e a sua audácia; a sua audácia era ilimitada, mas os pulsos eram fraca coisa para combater um adversário cujos músculos têm a rigidez do aço.

Seria ilusão? Pareceu-lhe que os olhos da fera tinham um brilho diabólico, como se saboreasse antecipadamente a sua vingança. Na sombra espessa, esses olhos de brasa, que o fixavam obstinadamente, era pouco mais ou menos tudo o que podia distinguir da pantera.

E, de súbito, naquele mesmo momento em que julgava tudo perdido, eis que Leonardo o puxa pela manga.

—«Toma... toma isto... é tudo o que encontrei...»

Isto, era um instrumento que servia

para os sinais, que o piloto descobrira no estojo das ferramentas e que ele estendia, todo excitado, ao seu camarada.

Henrique compreendeu. Colando-se prestamente ao comprido da carlinga, arremessou-o ao nariz da pantera que, assustada, deu um salto desordenado e seguiu o caminho da outra.

Estavam salvos!

O aeródromo do Bourget não estava longe e João Leonardo não se enganara quando prognosticou que haveria lá o poder do mundo para os esperar: era uma multidão imensa...

O piloto, que depressa recuperara o seu espirito trocista, vendo essa montanha de pessoas, fez observar ao companheiro, quando se preparavam para aterrar:

—«Que cara não fará essa gente toda, quando souberem que as panteras voaram...»

E, filósofo, acrescentou:

—«Pode-se contar a aventura, porque nem todos os dias ouvirão outra que se lhe assemelhe.»

A PRINCEZINHA AIDA

(Conclusão da página 5)

díssimo aspecto: felos, bonitos, narigudos, pencudos, orelhudos, etc. Ela, porém, conservava-se indiferente. Todavia, na cauda da bicha, viu o seu amigo Zéfiro com uns olhos tão ternos e tristes que ela lhe estendeu logo os braços. Não era outro senão o gatinhoto verde, que a fada transformara.

baixo no convés, Pierre perfilou-se, em posição de sentido.

Junto dele, Jeanne, muito comovida, ajoelhou-se e, erguendo ao céu as suas inocentes mãozinhas, começou a rezar baixinho um Padre Nosso que a mãe lhe havia ensinado, à beirinha da sua cama, nas longas noites de inverno...

O dia estava a terminar. O sol já desaparecera. Todos sentiamos uma grande tristeza.

De repente, fomos surpreendidos por um episódio inesperado. Um grande volume se debatia nas águas, parecendo querer encaminhar-se para o nosso cruzador. A noite, já fechada, não nos permitia distinguir do que se tratava. Talvez um peixe de grandes dimensões.

Em tempo de guerra, todo o cuidado é pouco. Cinco carabinieri fizeram lógo, sem resultado.

A nossa ansiedade aumentava de minuto para minuto. O comandante ordenou que se apontasse um dos focos. Iluminou-se o estranho volume.

Tratava-se de uma simples lancha do torpedeiro naufragado, voltada, ao sabor das ondas... Achámos graça.

Mas não terminou aqui a magia da varinha feiticeira, pois que, ao chegar aos braços da princesa, esta, com espanto, viu em seu lugar o mais belo príncipe que jamais imaginara em seus sonhos.

Casaram, fizeram muito bem aos pobrezinhos e todos compreenderam, dali em diante, em que consiste a alegria pelo trabalho e onde reside a Virtude.

Que este conto sirva de exemplo às meninas e meninos mandriões.

Rimos à gargalhada. E, após este ridículo episódio, todos recolhemos as nossas cabines com melhor disposição...

Na manhã seguinte, o navio-oficina que pairava ao largo, aproximou-se do nosso cruzador com o fim de reparar a avaria do cabo submarino. Estas reparações tanto podem demorar um dia como uma semana ou mais. Depende da sorte em encontrar as pontas do cabo que, às vezes, levados pela corrente, se deslocam para grandes distâncias. Como já afirmamos, na localização da avaria, conforme a nossa descrição feita em poucas palavras, é o que realmente se verifica na prática.

Fazem-se cálculos. Descem as sondas. Muitas vezes, os mergulhadores auxiliam os trabalhos com pesquisas.

Encontra-se uma ponta do cabo. E' içada e presa a uma boia que fica, no oceano, com uma luz acesa para aviso nocturno à navegação.

Depois, o barco-oficina parte em manobras á procura da outra ponta do cabo. Uma vez encontrada a segunda ponta, o barco vem com ela até á boia, onde a primeira ficou presa. Faz-se o conserto.

E, no caso que interessa á nossa narrativa, assim sucedeu mais uma vez. Após três dias de trabalho intenso, ficaram restabelecidas as comunicações submarinas que o torpedeiro inimigo havia cortado.

A todo o vapor das suas máquinas, o cruzador e o barco-oficina regressaram ás suas bases.

Chegámos ao nosso destino sem novidade.

Hoje, tudo nos parece um sonho!...

A guerra continuou mas a nossa narrativa termina aqui. Falta apenas dizer que Pierre e Jeanne contaram a sua aventura aos condiscipulos, na escola, e, assim, todos ficaram sabendo o papel importante que os cabos submarinos desempenham, tanto na paz como na guerra, além da localização das suas avarias e respectivas reparações.